



Universidade Federal do Pará
Campus Universitário do Baixo Tocantins-Abaetetuba
Faculdade de História da Amazônia Tocantina-FACTHO
Curso de Licenciatura em História

BRUNA DA SILVA FONSECA

“Elas são feras na arte de driblar”: um estudo sobre as mulheres futebolistas no campo desportivo paraense.

Abaetetuba-Pa

2019

BRUNA DA SILVA FONSECA

“Elas são feras na arte de driblar”: um estudo sobre as mulheres futebolistas no campo desportivo paraense.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de História-FACTHO/UFPA do Campus Universitário do Baixo Tocantins-Abaetetuba como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof.Dr Ariel Feldman.

Abaetetuba-Pa

2019

Bruna da Silva Fonseca

Banca Examinadora

Prof. Dr Ariel Feldman

Orientador

Prof.^a Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto

Membro da Banca

Abaetetuba-Pa

2019

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que lutaram e lutam para serem reconhecidas no futebol.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para enfrentar os desafios diários durante esses quatro anos de curso.

A todos os meus familiares, em especial a minha mãe Maria Eunice minha maior referência de vida, que sempre batalhou para que nada me faltasse, abrindo mão de muitas coisas em prol da minha educação, sou grata a cada sacrifício seu e pelos compartilhamentos de sabedoria.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Ariel Feldman que abraçou essa ideia que a princípio não tinha muito sentido, mas que mesmo assim topou esse desafio, suas contribuições foram muito bem recebidas, o meu muito obrigado.

Agradeço a Tuna Luso Brasileira e a Instituição Madre Celeste (ESMAC) pela recepção amigável em dispor um tempo para a realização dessa pesquisa.

Agradeço ao meu primo Cássio Felipe que foi meu GPS em Belém, sua ajuda foi fundamental nessa pesquisa.

Agradeço a todos os funcionários da UFPA do Campus de Abaetetuba, que me recebiam todas as manhãs sempre com muito bom humor.

Agradeço ao corpo de professores da FACTHO/UFPA, que compartilharam os seus conhecimentos com a turma de História-2015, em especial a professora Rosemeire Souza e ao professor Carlos Leandro grandes inspirações de profissionais.

Agradeço aos amigos que ganhei na graduação: Nilson Silva, Ely Brito, Marcicleia Rodrigues, Paulo Leite, Mateus Furtado, vocês sem sombra de dúvidas fizeram a diferença durante esses quatro anos de curso. E é claro as meninas que me acolheram no grupo de trabalho: Carmem Lobo, Leidiane Lobato, Adria Brito, Madalena Silva e Raquel Santos o companheirismo e a ajuda de vocês ficará registrado no meu coração.

E por fim mais não menos importante, agradeço as minhas amigas Ana Paula e Maria Rosiana, vocês duas são como irmãs pra mim, cada palavra de incentivo, força e motivação, foi o combustível para continuar firme nessa pesquisa.

“Silêncio não significa ausência! Ou seja o fato de não serem nomeadas, evidenciadas, mostradas e narradas não significa, em absoluto, que as mulheres não estivessem a tempo, nas quadras, arenas, campos, ginásios e ruas. Simplesmente a elas não se conferiu a luz nem voz. Foram lançados nas zonas de sombras e de esquecimento por razões políticas, éticas, ideológicas, religiosas, culturais, entre outras”

Silvana Goellner

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	16
1-MULHER FUTEBOL E GÊNERO: ENTRE APITOS E IMPEDIMENTO ELAS SÃO SINÔNIMO DE RESISTÊNCIA	16
1.1–O futebol nosso de cada dia: um breve histórico.....	16
1.2- Questões sobre gênero: uma análise necessária por meio do futebol	20
1.3- Entre passes e impasses elas continuam jogando.....	23
CAPÍTULO II	31
2-AS MULHERES FUTEBOLISTAS NO CAMPO DESPORTIVO PARAENSE: UM CAMINHO DE LUTAS E AFIRMAÇÕES.....	31
2.1- Entrando em campo: Conhecendo o time	31
2.2- Mulheres em campo: das dificuldades à resistência das chuteiras.....	31
2.3- “Antes de fazer gol, tem que driblar”: preconceito, representações e silêncio da imprensa.....	38
2.4- Dentro das quatro linhas: avanços e novas perspectivas.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
FONTES	54
Entrevista.....	54

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as dificuldades enfrentadas na prática do futebol feminino paraense. Para tanto, foi realizado um estudo de caso dentro das dependências da ESMAC, time feminino que vem se destacando no cenário desportivo paraense, que mesmo sem investimentos, salários e outros fatores que serão percebidos no decorrer dessa pesquisa, ainda sim é um dos times femininos que mais vem apresentando resultados nos últimos anos. Metodologicamente adotou-se o estudo de caso, sobe uma abordagem qualitativa a fim de trazer maior veracidade às informações aqui prestadas mediante os dados coletados das entrevistas de campo. O auxílio de autores como: Silva (2015); GUIMARÃES (2008); KNIJNIK e SOUZA; SCOTT (1995) e outros que se ocupam do tema em questão foi fundamental na construção dessa pesquisa. Os dados da pesquisa apontam que mesmo havendo inúmeras dificuldades no desenvolvimento da modalidade do futebol feminino paraense, ainda sim existe esperança que a modalidade seja valorizada.

Palavras-chave: Futebol feminino; gênero; dificuldade; resistência.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the difficulties faced in the practice of women's football in Pará. To this end, a case study was conducted within the premises of ESMAC, a women's team that has been standing out in the sports scenario of Pará, which even without investments, salaries and other factors that will be perceived during this research, is still a of the women's teams that have been presenting results in recent years. Methodologically, the case study was adopted, a qualitative approach is increased in order to bring greater veracity to the information provided here through the data collected from field interviews. The help of authors such as: Silva (2015); GUIMARÃES (2008); KNIJNIK and SOUZA; SCOTT (1995) and others dealing with the theme in question was fundamental in the construction of this research. The research data indicate that even if there are numerous difficulties in the development of the women's football modality in Pará, there is still hope that the sport will be valued.

Keywords: Women's football; gender; difficulty; Resistance.

INTRODUÇÃO

“Desculpa, mas eu não falo de futebol com mulher”, essa foi uma frase que eu ouvir ao tentar falar de futebol com um homem, e não é só eu outras mulheres que se identificam com o futebol também lidam com situações como esta o que chega a ser até contraditório, se tratando do país do futebol conhecido mundialmente por seus títulos e por ser um celeiro de grandes jogadores como Pelé, Garrincha, Jairzinho, Tostão e tantos outros que se eternizaram na história do futebol. À medida que esses nomes vão sendo lembrando nós dá a entender que o país do futebol seja apenas de homens, para Silva (2015).

Quando se afirma tal máxima é omitido todo o processo de exclusão das mulheres, não só de sua prática, mas de se estabelecerem como seres legítimos dentro de qualquer dinâmica de sociabilidade, cujo eixo central seja o futebol. No trabalho, no bar, no estádio, na família, na sala de aula, o olhar que se lança sobre a mulher que se posiciona em relação ao futebol é de estranhamento, como se algo estivesse fora do lugar. A própria prática exercida por mulheres é fruto de longa e intensa luta, mas vista, muitas das vezes como uma concessão de espaço feita pelos homens. (SILVA, 2015,p.1)

O futebol está longe de ser apenas um esporte jogado nas quatro linhas, significa dizer que nele estão atrelados valores culturais, econômicos, religiosos e políticos. Por ser um elemento rico de simbolismo e significado, o futebol nos permite pensar como foi sendo construídas as hierarquias de poder dentro da sua dinâmica das quais se vê claramente a exclusão feminina.

Os estudos sobre as mulheres vêm crescendo significativamente nos últimos anos. O que só foi possível a partir da Nova História Cultural e da Escola dos *Annales*, a história então começa a traçar um novo caminho, com temas que até então não eram discutidos tampouco atrativos pela historiografia, o olhar de baixo é fundamental para quebrar aquela ideia de uma história única, aqueles sujeitos, grupos que não tinha vez começam a ser inseridos nas linhas de pesquisa com temas diversos. E um desses temas é a história das mulheres mais especificamente elas no contexto futebolístico.

No campo acadêmico já existem algumas produções voltadas para essa temática que trazem o futebol como objeto de estudo principalmente no contexto político, contudo ainda há grandes lacunas referentes a estudos que versam especificamente a mulher e a relação com o futebol, quando me referindo a palavra lacuna, não penso em omissão ou falha, penso sim, em um espaço vazio que pode ser preenchido. Usando um

linguajar do futebol posso dizer que “da pra fechar mais o meio de campo”. Portanto, a ideia na escolha desse tema é justamente alargar as discussões nos espaços acadêmicos tocando em pontos que ainda não foram tocados, tal estudo permitirá que outras abordagens venham a ser feitas.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar as dificuldades enfrentadas na prática do futebol feminino paraense, a partir da visão das jogadoras dessa modalidade, que conhecem a realidade a qual estão inseridas, evidenciando as dificuldades, os preconceitos e as representações do ser mulher futebolista dentro de campo. Objetiva também analisar os avanços no ensejo da valorização da modalidade.

A escolha pelo tema, explica-se sobre tudo pela paixão que tenho pelo futebol, que vem desde a infância e o curso de História culminou para que esta paixão chamada futebol viesse a se tornar o meu objeto de pesquisa. No entanto, isso só se tornou concreto no momento que eu tive o contato com a obra do autor Jim Sharpe (1992) intitulado “A história vista de baixo” a leitura desse texto ajudou a questionar o porquê da ausência feminina em determinados contextos, dos quais o futebol é um deles nesse sentido “a história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar” (JIM SHARPE,1992,p.62). A partir daí, foram surgindo inquietações que despertaram o interesse de buscar entender os silenciamentos em torno do futebol feminino e os desafios de ser futebolista dentro de um esporte popular, como o futebol, cuja presença feminina é pouco referenciada, a partir da visão de jogadoras.

As vozes femininas oriundas das arquibancadas, comentaristas, narradoras, das amantes do bom futebol e principalmente delas as donas da bola em campo, que se afirmam como pertencentes da dinâmica social do futebol, causa de imediato um estranhamento. Estranhamento este que se dá a medida que elas vão tomando o campo como um lugar de pertencimento também. Nós últimos anos o número de mulheres que se identificam com o futebol vem crescendo significativamente, no entanto a entrada dessas mulheres dentro da dinâmica futebolística não se deu de forma pacífica, inúmeras foram as formas de cerceamento delas.

De acordo com Goellner (2005) a entrada das mulheres no esporte (futebol) configura-se desde o século XIX, no entanto foi somente a partir das primeiras décadas

do século XX que elas começaram a ter mais “espaço” nesse meio. Porém “se pensarmos no papel que a bola desempenha enquanto elemento congregador de nossa identidade nacional, tal contraste coloca uma pergunta crucial: qual o lugar da mulher dentro do país do futebol?” (FRANZINI, 2005). O questionamento do autor perpassa muito pela questão do silenciamento que acompanhou essas mulheres no decorrer da história.

Barreiras foram impostas a fim de impedi-las de ocupar esse espaço, espaço este pensado para homens, a sentença lançada a elas de que a prática futebolística não era apropriado a sua condição devido uma “natureza feminina” que predispõe a ser mãe, foi ganhando corpo com a medicina, para Foucault (1986) a ideologia criada acerca do corpo embasados com argumentos científicos logo legitimados pela medicina faz-se pensar como o poder atributos a instituições restringiam a mulher, da qual “as relações de poder são, antes de tudo, produtivas” (FOUCAULT, 1986).

Para além da medicina, a lei foi outro fator que contribuiu diretamente para que as mulheres futebolistas viessem a se tornar invisíveis na história do futebol, foram anos de proibição, antes mesmo da proibição, a prática futebolística desempenhada por elas já vinha sofrendo ataques, os discursos conservadores da época representavam exatamente o posicionamento da sociedade, isso ficou evidenciado em uma carta endereçada ao então presidente da república Getúlio Vargas, em um trecho da carta redigida pelo cidadão José Fuzeira, ele alertava “para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil[...] ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol”. Contrariando a isso, as mulheres foram encontrando formas de resistir, aos poucos elas foram confrontando os discursos hegemônicos dos quais diziam “que futebol não era coisa de mulheres”, ideias essas que foram penetradas nos espaços sociais a partir das construções socioculturais. As mulheres foram rompendo estruturas que por anos convencionou ser adequado a elas.

Apesar disso, até hoje passado exatamente 40 anos desde que o futebol feminino deixou de ser proibido, ainda sim é visível os resquícios dessa proibição, marcadores como o preconceito, invisibilidade, precarização da modalidade, vão marcando o ingresso dessas mulheres no futebol. Pouca coisa mudou nos últimos anos, apesar da legislação mostrar-se favorável crescendo mudanças em algumas linhas, ainda sim

são muito esparsas as medidas que priorizam o futebol feminino como um esporte em desenvolvimento capaz de gerar lucros, na prática o futebol feminino sobrevive porque as mulheres tomaram pra si mais essa causa como bandeira de luta.

Ao entrar em campo para conhecer as histórias das mulheres futebolistas, no campo desportivo paraense fui percebendo o quão desafiador este tema se tornou, as falas das jogadoras foram aos poucos mostrando as faces do futebol feminino paraense, marcado pela invisibilidade, pela falta de investimentos, de apoio e tantos outros fatores que cercam a modalidade. Partindo desses pressupostos percebe-se a necessidade de pesquisas que abordem o futebol feminino como objeto de estudo.

Nesse sentido, algumas autoras foram essenciais na construção dessa pesquisa, Silva (2015) aponta no seu texto “Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)” como foi sendo construídos os discursos de exclusão em torno da prática futebolística desempenhado por mulheres dentro da imprensa. Os discursos que circulavam na imprensa, referente ao futebol feminino eram de modo geral carregados de sátiras. Outro aspecto relevante que a autora traz é que mesmo apesar de haver uma lei de proibição, as mulheres continuaram jogando independente da proibição.

Magalhães (2008) aborda em seu texto “Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007)” o processo de (re) construção do futebol feminino no período que ele foi oficializado, no entanto essa oficialização não surtiu o efeito esperado, os times femininos continuarão no mesmo mar de esquecimento, principalmente pelas autoridades competentes. Para vencer esse esquecimento a autora buscou priorizar as ações femininas, nas suas mais variadas formas do ser mulher dentro de campo. Para além dessas autoras, é importante ressaltar o trabalho da historiadora Scott (1995) sua obra “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” sobre gênero, permitiu pensar como foram construídas as diferenças sociais entre homens e mulheres, a partir de um determinismo biológico que condicionou a mulher como inferior ao homem, baseado nas relações de poder percebidas dentro das construções socioculturais “Uma maneira de indicar “construções sociais”- a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT,1995).

Sendo assim, o diálogo com essas autoras ajudaram a compreender o processo pelo qual as mulheres foram sendo inseridas dentro das quatro linhas. A visão delas ajudou a ligar os fios dessa pesquisa, assim como a visão de outros autores que se ocupam do tema em questão.

É válido ressaltar que esta pesquisa constituiu-se do tempo presente, contudo não se fará ruptura com o passado por entender que “ignorar o passado comprometeria a ação no presente [...]. O presente exige um estado em si, pois é um momento original, que combina origens passadas, tendências futuras e ação atual” (BLOCH, 2000 apud MAGALHÃES, 2008, p.5).

Ao iniciar a pesquisa os problemas foram “nascendo” também, a princípio o intuito era fazer a observação em três times femininos distintos de Belém e seus arredores, o critério da escolha se deu pela colocação no Ranking Nacional de Clubes de Futebol Feminino (RNT/FF)¹, dos quais seriam Pinheirense, Tuna Luso Brasileira e ESMAC, porém destes só foi possível realizar a pesquisa somente na ESMAC, na Tuna Luso o time feminino encontrava dispensado no período da realização da pesquisa, conversei com o treinador do time, trouxe sua entrevista aqui porque julguei necessário a fala dele e no Pinheirense por uma questão de logística não teve como, apesar dos entraves a pesquisa seguiu o seu curso, a proposta inicial manteve-se, porém um pouco mais limitada.

A metodologia dessa pesquisa foi desenvolvida na forma de estudo de caso, que possui como lócus o time feminino da ESAMAC. As observações em campo permitiram pensar o futebol feminino como referência para outras questões socioculturais. De acordo com Chizzotti (2000) o estudo de caso é:

Uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado é crítico de uma experiência ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora [...] É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade, de aspectos globais, presentes em uma dada situação. (CHIZZOTTI, 2000, p.102)

¹ Disponível em: [//www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/Index/São-jose-e-vitoria-lideram-o-ranking-da-cbf](http://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/Index/São-jose-e-vitoria-lideram-o-ranking-da-cbf) Acesso: 20/07/2018, às 11h30min.

Para essa pesquisa à abordagem utilizada configura-se do tipo qualitativa, possibilitando uma maior amplitude das questões norteadoras dessa pesquisa. Foram entrevistadas cinco jogadoras da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) time amador da cidade de Ananindeua-Pa, região metropolitana de Belém. Seus nomes serão substituídos por letra e numeração (J1, J2,J3,J4,J5) e um treinador do time feminino da Tuna Luso, localizada em Belém-Pa, somando um total de seis entrevistas. Foi um roteiro de entrevistas semiestruturado, as perguntas que nortearam essa pesquisa buscaram compreender as dificuldades e preconceito, a questão salarial, a visibilidade do futebol feminino na imprensa paraense e perspectivas. Outras perguntas emergiram no decorrer da pesquisa, contudo só foram usados os trechos mais pontuais para as análises dessa pesquisa.

E por fim a entrevista do treinador Jefferson Oliveira, que permitiu que seu nome fosse inserido nas linhas desse estudo, a fala dele foi gravada sem um roteiro pré-definido, porém foram pertinentes para essa pesquisa.

Para além das entrevistas realizada no time feminino da ESAMAC que foi o eixo central dessa pesquisa, outras fontes foram utilizadas, a fim de fazer o cruzamento de maiores informações do tema em questão, para que o embasamento fosse mais contundente. Nesse sentido, foram analisados jornais, artigos, teses, legislação, sites da federação e confederação.

Este trabalho está constituído de dois capítulos, o primeiro capítulo intitulado: *“Mulher, Futebol e Gênero: entre apitos é impedimentos elas são sinônimo de resistência”* analisa o processo histórico do futebol quando adentra na cidade de Belém trazido pelos ventos da modernidade do século XX e os discursos que permeavam suas entrelinhas, assim como a ideia de um esporte moderno que separou grupos sociais. Fazendo uma breve discussão com as questões gênero, assim como os entraves que foram impostos às mulheres futebolistas para poder jogar, da qual a resistência foi marca desse processo. O segundo capítulo, *“Mulheres é o Futebol Feminino: um caminho de lutas”* foi construído a partir das análises das entrevistas que foram feitas no decorrer da pesquisa coletadas com as jogadoras, trazendo, suas histórias de dificuldades, preconceitos, o silêncio da imprensa e suas lutas, na busca da valorização da modalidade, no ensejo profissional.

CAPÍTULO I

1-MULHER FUTEBOL E GÊNERO: ENTRE APITOS E IMPEDIMENTO ELAS SÃO SINÔNIMO DE RESISTÊNCIA

1.1–O futebol nosso de cada dia: um breve histórico

Fazendo uma pequena retrospectiva histórica é possível compreender alguns elementos da dinâmica futebolística, que vão desde os seus aspectos socioculturais, aos sujeitos sociais que se destacaram na arte dos pés até ao jogo de interesses políticos que sempre estiveram por trás de todo o processo de desenvolvimento do futebol.

Por volta do século XX a cidade de Belém já estava passando por grandes mudanças tanto na sua forma arquitetônica como no modo das pessoas se viverem, era os Ares da modernidade que acabara de chegar, considerada a Paris da Amazônia, Belém vivenciava o apogeu das grandes transformações tanto no sentido econômico como no seu aspecto social. Como bem enfatiza Gaudêncio:

A Cidade de Belém do Pará no início do século XX é marcada pelas ambiguidades, metamorfoses, encantamentos proporcionados pelo avanço tecnológico juntamente com seus significados no discurso de progresso e civilização que se destacaram nos rituais da modernidade, evidenciando-se a partir de impressões que estão intimamente ligados aos artefatos de ferro e vidro,(o trem é a marca desse momento histórico) dentre outros, que ora causam indignação, ora causam espanto e encantamento. Esse processo histórico explicita a quebra de tradições e culturas que pertencem a uma dinâmica social ligada a expansão da cultura europeia e seus simbolismos que incluem e excluem os sujeitos no cenário urbano moderno.(GAUDÊNCIO, 2007,p.19)

É a dinâmica do progresso que vai adentrando a capital paraense e com isso as novas formas de sociabilidade vão surgindo, as práticas de lazer vão se intensificando com mais força entre os jovens, de modo geral os esportes já fazem parte da cultura local, importados pelos ventos da Europa, o futebol foi um esporte que se destacou muito entre os paraenses, além do mais já haviam também um grande contingente de ingleses morando pela capital que proporcionou uma adequação maior ao novo estilo de vida dos paraenses, uma vez que eles já tinha a técnica e habilidade do jogo, os negócios estavam no auge de seu desenvolvimento, logo o futebol já era uma realidade

de inovação, embalados pelos pés habilidosos dos ingleses influenciava os que aqui já estavam.

Para Gaudêncio (2007) o futebol já era um esporte muito praticado entre a sociedade paraense, o intuito era demonstrar por meio das atividades físicas que os mesmos estavam cada vez mais “civilizados” isso os aproximava ainda mais da Europa. GAUDÊNCIO diz que:

São criados os festivais que envolviam toda a cidade nos dias de jogos, onde as elites locais participavam dos jogos e os setores populares participavam de forma indireta das disputas esportivas entretanto a participação popular iria mudar principalmente no campo futebolístico. (Gaudêncio, 2007, p.20)

Os festivais futebolístico era um meio de entretenimento principalmente das elites locais, servia para demonstrar todo o poder de uma sociedade, logo o futebol não se caracterizava apenas por ser um esporte de divertimento, mas sim um esporte transformador principalmente de grupos hegemônicos. Com a chegada do futebol em Belém, a sociedade belenense vai ganhando novos contornos, principalmente por entender que era algo novo de fora, logo remetia o progresso, a modernidade, ou seja, absorver todo e qualquer elemento de fora contribuiria para uma importação de cultura.

Essa dinâmica de consumir produtos de fora era muito presente na capital paraense, inclusive grande parte das elites enviavam seus filhos para estudarem na Europa com a intenção de aprimorar o máximo de conhecimento, a ideia de afasta-se do atrasado era fundamental para adquirir cultura. Como bem aponta Gaudêncio (2007) são “modismos importados da Europa”, de fato foram modismos que entraram e fixaram-se nos espaços da capital, isso foi moldando as pessoas.

Fica evidente que assim como aspectos culturais o futebol veio para Belém como um esporte que representa a modernidade, até mesmo as primeiras partidas disputadas carregavam elementos de fora os próprios nomes de jogadores era um indício disso, todos os símbolos que envolviam a prática futebolística eram muito valorizado, inclusive a própria bola era um deles, Gaudêncio explica que:

A bola de futebol ganhou um simbolismo de culto ao corpo e de civilização que propagava o modelo europeu, ou seja, havia uma importação não somente de mercadorias mais de todo um caráter simbólico que acompanhava cada uma delas, encantando todos os sujeitos que não queriam está fora de todo esse processo de modernidade. Assim, como ocorriam as reconstruções das cidades no padrão arquitetônico de Paris, o futebol, como prática esportiva, cumpria seu papel nessa teia de raciocínio histórico que coloca este

esporte não apenas como passa tempo das elites, mas como elemento importante para entendermos o sentimento de identidade local que aparece controverso.(GAUDÊNCIO, 2007, p.23)

Nota-se como eram importantes a pratica desse esporte, logo no início suas primeiras partidas eram realizadas em locais abertos para melhor visualização do público, o que não quer dizer que era um esporte para todos. O que se sabia de fato era que o futebol já estava popular entre os paraenses e bem competitivo, com a chegada dos ingleses o mesmo se tornou mais dinâmico, a inserção de regras no jogo foi fundamental para acirrar ainda mais a competitividade entre eles.

A partir do futebol é possível perceber a articulação de grupos políticos, logo o futebol não se tornaria apenas um esporte como os demais, mas sim um artifício de interesses maiores, não era só uma identidade que estava sendo construída, estratégias políticas já estavam sendo articuladas também. Monteiro fala que:

Compreender a construção de uma identidade social implica na percepção de vários grupos que se apresentam tal qual uma organização coletiva permeada de diversos simbolismos expressos nas relações cotidianas do campo esportivo (dias de jogos, datas comemorativas etc.), sendo sua natureza constituída de afirmativas e negativas diante de certas questões.(MONTEIRO,2009,p.24)

A ligação do futebol com sujeitos importantes da sociedades era muito visível, inclusive isso não se aplicava somente na capital belenense, mas em todas as partes do país, demonstrar que tinham conhecimento da modalidade acrescentava mais prestígios para eles. Nesse sentido, os festivais futebolísticos era também uma vitrine de sujeitos importantes em grande parte ligados a política. Pode-se dizer que o futebol servia como uma ferramenta de manipulação de pessoas, principalmente por ser um esporte que reunia uma quantidade expressiva de pessoas.

Mas Magalhães (2008) refuta essa ideia de alienação segundo ela não é o futebol que aliena as pessoas, mas sim as ideias que se escondem por trás dele “o poder governamental, por exemplo, como foi o caso ocorrido na década de 1970, quando o governo militar utilizava o futebol como forma de “distração” para desviar a atenção da “população” da real situação que se passava no país” (MAGALHÃES,2008). No entanto deve-se entender que havia uma propaganda por trás dos sujeitos influentes, não era só a competição acirrada das equipes, os discursos que se propagavam nas entrelinhas tinham alvo que certamente não era o gol, mas sim da sociedades como um todo.

Logo a gênese do futebol é marcada por mudanças estruturais e sociais, a influência de sujeitos de renome possibilitou pensar como um esporte aparentemente “comum” é carregado de símbolos e representações. Como já foi mencionado o futebol não era pra todos, o mesmo era produto de uma cultura de fora.

Não só na capital paraense como em todas as partes do país o futebol se caracteriza por ser um esporte elitizado, com a formação das agremiações e instituições futebolísticas o mesmo começou a se tornar mais popular, no entanto essa popularidade tinha suas restrições vale ressaltar que negros e pobres não eram bem vistos nos clubes recém-formados, lembrando que o país possuía e possui heranças escravistas, logo a presença negra em determinados lugares não era vista com bons olhos, a segregação estava em todas as partes. Nos clubes não era comum a presença de negros tampouco sua participação. Contudo teve um que quebrou protocolos, apesar de contrariar uma boa parcela da elite carioca, o clube de Regatas Vasco da Gama era um time essencialmente formado por negros e pobres. Segundo Doria Neto:

O Clube de Regatas Vasco da Gama exerceu uma influência considerável neste período histórico, pois, em 1923 quando ascendeu à elite do futebol carioca possuía em grande número de jogadores negros, diferentes das equipes onde prevalecia uma totalidade de brancos e bem nascidos.(NETO,2013,p.6).

Os caminhos do futebol perpassa por processos de exclusão, por isso é necessário fazer essa retrospectiva histórica para entender que grupos sociais foram excluídos de fazer parte dessa dinâmica futebolista, assim como negros as mulheres também foram colocadas pra “escanteio”.

No entanto vale ressaltar que o século XX foi marcado por mudanças significativas, principalmente com ruptura de algumas estruturas, foi o período da história que as mulheres começaram a se tornarem mais independentes e donas de suas lutas era sua emancipação que já estava caminhando. De acordo com Pinto (2010) foi o momento que as mulheres começaram a se organizar na luta pela garantia de seus direitos, o voto foi a primeira pauta de luta que logo se popularizou entre as mulheres e influenciou outras mundo a fora “o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres”(PINTO,2010).

Esse marco foi apenas o cerne para entender que as mulheres sempre estiveram presentes em todas as esferas da sociedade, e por mais que a hegemonia masculina

tentasse de alguma forma silenciar essas ações elas se faziam presentes, no futebol não foi diferente, desde o surgimento elas já se mostravam familiarizada com o esporte. Gaudêncio fala que:

A participação das mulheres no futebol estava relacionado a própria construção dos clubes na cidade, pois, elas desde o início atuavam na construção dos festivais esportivos, como é normal aparecer nos discursos dos cronistas e nas fotos que eram tiradas durante as partidas de futebol, isso é, apesar de todo o domínio masculino do esporte, a mulher estava ligada ao esporte, seja no acompanhamento dos maridos, políticos importantes, ou na construção de festivais esportivos [...] A origem da participação feminina nos esportes é discutível para muitos autores desde quando se iniciou o futebol as mulheres já participavam.(GAUDÊNCIO,2007,p.143)

Isso faz pensar que independentemente de como elas estava inseridas dentro do contexto futebolístico, seja como acompanhantes de seus maridos ou eventualmente jogando, elas automaticamente já estavam fazendo parte do processo de desenvolvimento do futebol, e ao contrário do que a historiografia tenta indicar elas eram bem mais que meros “objetos ornamentativos”. Conforme reitera Magalhães (2008)

Entre rupturas e permanências, a mulher faz a sua história nesta modalidade esportiva, sendo que a historiografia oficial quase que se limita a engrandecer os clubes ou atletas que marcaram a história do futebol feminino. Como se na história do futebol brasileiro não houvesse, há algum tempo a participação das mulheres. (MAGALHÃES,2008,p.35)

1.2- Questões sobre gênero: uma análise necessária por meio do futebol

Para entender melhor a inserção feminina dentro esporte, em específico do futebol é necessário primeiramente entender um pouco acerca da definição de gênero da qual é fundamental para se compreender como às relações de poder que estão estruturadas dentro dos espaços sociais. Entende-se que a definição de gênero carrega consigo significados que vão muito além do seu sentido biológico, ele privilegia a construção da supremacia masculina em virtude disso a mulher é sentenciada a uma condição de subalterna.

Segundo Scott (1995) a categoria gênero começa a ser discutido a partir do movimento feminista, entre as décadas de 60 e 70 o intuito principal era promover os debates de inclusão da mulher nos estudos acadêmicos, a fim de fazer uma releitura da

mulher dentro da historiografia e entender o seu papel dentro da história “a maneira pela qual está nova história iria, por sua vez, incluir a experiência das mulheres e dela da conta dependia da medida na qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise” (Scott, 1995). O intuito aqui não é discutir as particularidades do movimento feminista, mas entender por meio de uma determinada ideia como foi sendo construída a inferioridade da mulher em relação ao homem.

De acordo com Bourdieu (2012) esta “implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostos às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos” (BOURDIEU, 2012), na divisão do trabalho é perceptível notar os espaços que foram conferidos a mulher. Para Bourdieu:

A diferença biológica entre os sexos, isto é entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão do trabalho [...] De modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e “motivado”, e assim percebido como quase natural. (BOURDIEU, 2012,p.20)

Essa estrutura naturalizada de pensamento é compartilhada por diversos setores da sociedade, naturalizando assim os espaços que a mulher deveria ocupar e automaticamente privilegiando a dominação masculina sobre elas. Logo entende-se que o gênero foi um elemento construído conforme as dinâmicas culturais de cada sociedade. Nesse sentido Scott avalia que:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudança nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. (SCOTT, 1995, p.86)

De acordo com Bourdieu (2012) a palavra gênero foi um termo historicamente e socialmente construído por intermédio de discursos de poder hegemônico. Partido dessa ideia é possível perceber que a divisão de sexos está marcada principalmente pela violência simbólica que afeta diretamente as mulheres, essa violência está arraigada em diversos âmbitos sociais, de modo que a mulher sempre esteve presa aos espaços domésticos do lar.

Ao sair dessa domesticidade que historicamente foi imposta a elas, as mulheres começaram então a ocupar os espaços que foram negados sua presença. Entende-se que o processo histórico de desigualdades entre gêneros foi e é muito grande, contudo a partir do momento que elas começam a se vê como parte da dinâmica social, elas automaticamente começam a lutar pela sua autonomia nos espaços públicos, seja na educação, seja na esfera política, seja em qualquer espaço institucional que outrora a sua presença foi silenciada.

Sendo assim a mulher começa assumir uma identidade controversa a qual lhe foi imposta, recusando definitivamente o confinamento dado a mesma para Castells (2008) essa mudança é notaria quando “ elas percebem a mudança de sua condição na família em consequência de sua intervenção na esfera pública”. De acordo com Castells:

Ao aceitar a especificidade de seu corpo, a mulher não se atem à biologia, pelo contrário, livra-se da definição dada pelo homem, que tem ignorado a sua verdadeira natureza. Na ordem masculina, as mulheres serão aniquiladas porque são caracterizadas de fora de sua experiência primordial, corporal: seus corpos tem sido reinterpretados e suas experiências reformuladas por homens. Somente com a reconstrução de suas identidades com base em sua especificidade biológica e cultural as mulheres conseguirão torna-se elas mesmas. (CASTELLS,2008,p.233)

Quando a mulher começa assumir essa nova identidade, ela não se atem mais a condição de reprimida, no entanto os passos para se reafirmar como pertencentes da dinâmica social tanto no passado como no presente é ainda marcada por muitas lutas, e o desafio maior dessa dinâmica é tornar-se visível diante de todas as estruturas sociais, políticas, econômicas entre outras que reconheçam a mulher não como inferior, mas como agentes que também debatem e protagonizam suas próprias histórias.

Nesse sentido o movimento feminista foi fundamental nessa perspectiva de compreensão das relações de gênero, buscou-se não somente uma integração no meio social, mas o direito de lutar por mais representação, tais reivindicações, contribuirão de maneira significativa para a história em sua totalidade e também para manifestação de novas ideias e reflexões, que também trouxe um novo olhar para a questão de gênero.

A discussão sobre gênero é pertinente, porque ela te dá subsídios para entender como historicamente foi construída essa distinção entre homens e mulheres, da qual cada sexo por natureza já tem uma função pré-estabelecida dentro do meio social, tal discurso foi legitimado tanto pela medicina como pela instituição religiosa, que

acarretou principalmente na desigualdade entre homens e mulheres, isso é perceptível em terminados segmentos sociais, dos quais a predominância ainda é masculina. No esporte essas diferenças entre homens e mulheres tornam-se mais acentuadas, para Jaeger (2006):

No que se refere ao esporte especificamente, o sexo tem sido um território onde busca-se a fixidez e as demarcações identitárias e, por muito tempo, foi usado para impedir a participação feminina em diferentes modalidades esportivizadas. Historicamente, essas práticas corporais foram identificadas e prescritas ao sexo feminino ou ao masculino, às meninas ou aos meninos, às mulheres ou aos homens. Por um lado, sugeria-se às mulheres práticas corporais que requeriam flexibilidade, agilidade, leveza e suavidade nos seus gestos; requisitos necessários para manter a sua feminilidade e fortalecer o seu corpo para a maternidade. (JAEGER, 2006,p. 201)

Essa preparação para maternidade começa lá na infância quando é dado às meninas brinquedos ligado aos cuidados da casa, bonecas e panelas, distanciando assim dos lugares socialmente construídos para homens e das dinâmicas corporais também como é o caso do futebol, enquanto isso “o menino é socializado ao futebol, jogam e sonham em jogar como um de seus ídolos, ao contrário das meninas que são criadas e persuadidas a praticarem esportes e brincadeiras consideradas femininas” (MAGALHÃES,2008). Não há dúvidas que dentro do futebol o gênero privilegiado foi o masculino e ainda é.

1.3- Entre passes e impasses elas continuam jogando

É válido ressaltar que o gosto da mulher pelo futebol não é uma prática de hoje, elas já se faziam presentes e atuantes desde a metade do século XX mesmo que de forma tímida e silenciosa elas já incomodavam o meio social a qual estavam inseridas.

A resistência da mulher em fazer parte do ambiente futebolístico despertou de imediato o descontentamento da hegemonia masculina onde buscavam fundamentos na medicina como forma de legitimar seus argumentos principalmente em relação aos perigos que a prática futebolística desenvolveria para a saúde da mulher e posteriormente à maternidade. Argumentos como este ficam evidente em uma carta endereçada ao então presidente da República Getúlio Vargas, cujo cidadão de nome

José Fuzeira trouxe a público toda a sua indignação com a prática do futebol feminino que estava crescendo entre as mulheres no país, mas precisamente ele estava se reportando à uma partida de futebol que ocorreria no recém inaugurado Estádio do Pacaembu entre duas equipes femininas, caracterizando o episódio em “Um disparate sportivo que não deve prosseguir...” é válido trazer a carta na íntegra, onde dizia o seguinte:

Vem, pois, o signatário, respeitosamente, solicitar a clarividente atenção de V. Ex.^a, para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a “ser mãe”.

Também, por motivo de fenômenos específicos, que nos abstermos de enumerar, ainda outros sérios distúrbios de saúde podem sofrer as moças que venham a escravizar-se ao “sagrado dever” de não faltarem aos treinos e se disponham a aumentar as duras recargas de tal jogo; pois esses encontros de impulsos rudes, incontroláveis, hão de evidentemente afetar-lhes o equilíbrio do sistema nervoso e, até (quem sabe?) originando, talvez, funestas consequências futuras, no que se refere aos fenômenos próprios da gestação, pois da perfeita saúde da mãe depende o vigor e a perfeita constituição dos filhos.

Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos do que dez quadros femininos. Em São Paulo e em Belo Horizonte também já se estão constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja, 200 núcleos destroçadores da saúde de 2200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes, pois desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol “com um grupo de cegos” a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, do decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem, também, em assaltos de luta livre e em juntas da “nobre arte” cuja “nobreza” consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue.

Certamente, as moças já inscritas nos quadros organizados são, como é natural, muitas coisas dos seus encantos de beleza. Entretanto, como não compreendem que o jogo violento de futebol lhes afetará a saúde integral da qual, na realidade, depende a longa mocidade da sua beleza física, saúde, aliás, muito mais preciosa e digna de cuidado do que o superficialismo das suas sobrancelhas, e das suas unhas e cabelos?

Que V. Ex.^a, Sr. Presidente, acuda e salve essas futuras mães do risco de destruírem a sua preciosa saúde, e ainda a saúde dos futuros filhos delas... e do Brasil.

Este é o apelo que vem dirigir-lhe o signatário. (Diário da Noite, 7 de maio de 1940)

A carta direcionada ao presidente Getúlio Vargas só demonstra exatamente como estavam entranhados os discursos moralistas e conservadores da sociedade, dos quais

cada sujeito social por ordem natural já possuía o seu papel específico no âmbito social, reafirmando assim o papel designado as mulheres de maternal a dona de casa. Discursos como o de José Fuzeira representa o pensamento dos muitos que se proliferavam pelos espaços públicos e privados, reafirmando o posicionamento de muitos que se mostravam contrário à prática futebolística desempenhadas por elas.

O teor dos discursos que circulavam nos enunciados da época estavam sempre ligados a uma falsa preocupação com a condição da mulher, que na realidade eram apenas justificativas usadas como forma de tentar afasta-las do ambiente futebolístico, Silva (2015) aponta que “a associação da mulher à maternidade era o principal fator impulsionador das intervenções do Estado sobre o corpo feminino, com todas as implicações que isso possuiu para a sua prática”. Silva reitera que:

Na década de 1940, não era negado às mulheres o direito à prática de atividades físicas, desde que estas não trouxessem nenhum tipo de contato físico intenso ou esforço excessivo. Caso contrário, segundo os médicos da época, o potencial materno das moças podia ser prejudicado. Com o advento das teorias higienistas e eugenista houve, inclusive, o incentivo da mulher às práticas esportivas, partindo da premissa que as mães fortes e saudáveis gerariam filhos mais robustos e salutareos. (SILVA, 2015, p.5)

Como bem analisa a autora não é que as mulheres fossem proibidas de fazer atividades físicas, pelo contrário isso também fazia parte da política varguista, a disciplina dos corpos nessa nova configuração de governo era fundamental, pois valorizava as práticas esportivas e é nesse momento que o futebol começa atingir seu ápice de popularidade para Couto (2016) a “ordem e disciplina eram palavras chave, por meio da influência direta do Estado nas instituições reguladoras dos esportes, inclusive com a criação posterior delas”, vale ressaltar que não é intuito da pesquisa falar sobre o governo varguista, no entanto foi o período onde iniciou-se os primeiros embargos de exclusão da mulher no âmbito futebolístico culminando com a sua proibição. Couto nós revela que a política intervencionista do corpo não era compartilhada por todos:

O jornal, portanto, ia de encontro a esta tentativa de controlar os corpos, os desejos e a moral da população que frequentava estes espaços de sociabilidade. Dessa forma, a defesa dos esportes passava ao Largo de uma interpretação conservadora ou moralista de comportamento social. (COUTO, 2016,p.127)

Nesse sentido discursos dominantes e cheio da moral como o de José Fuzeira e de outros grupos sociais que outrora carregavam consigo legados do século XIX e que infelizmente ainda são permanências do século XXI, não foram fortes o suficientes para desarticular o movimento que aos poucos ganhava mais força entre as mulheres justamente por entender que a elas não cabia mais seguir os moldes comportamentais que a sociedade as enquadravam, logo o futebol feminino tornou-se símbolo de resistência.

No mesmo período que foi publicado no Diário da Noite a carta de José Fuzeira ao Presidente Getúlio Vargas, o Jornal dos Sports no dia 10 de maio de 1940 por meio de uma entrevista realizada com a zagueira e presidente do Sport Clube Brasileiro Margarida(Adyragram) Pereira, também veio a público mais especificamente em tom de resposta aos conservadores que viam no futebol uma ameaça as mulheres. Segundo ela:

Só criticam a prática do violento sport bretão aqueles que na vida jamais entraram numa praça de educação física, declara a presidente do S. Club Brasileiro.

(...)Veio dizer-nos algo sobre uma carta endereçada a um popular vespertino pelo Senhor José Fuzeira, nome desconhecido nos aporta. Em resumo disse-nos a já popular jogadora do S. C. Brasileiro:

Li com atenção a carta dirigida pelo Senhor José Fuzeira a um vespertino de nossa cidade. A princípio tomei o caso a sério. Refletindo, perguntei a mim mesma: quem será esse senhor José Fuzeira?

Verifiquei desde logo que esse cavalheiro é desconhecido no esporte, faltando-lhe, portanto, autoridade para discutir o assunto.

Procurou celebrar-se nos meios esportivos apenas com uma carta dirigida ao mais alto magistrado do país.

Há homens cujas ocupações lhe dão tempo até para tratarem de assuntos femininos. Mas, todas as vezes que o fazem, procuram celebrar-se, dando o nome, residência e até o telefone.

O Senhor José Fuzeira deveria assistir à prática de futebol feminino, para verificar quão salutar é esse esporte e os benefícios que o mesmo presta à suas praticantes.

É verdade que o futebol, como outros esportes, não pode ser praticado por todos, principalmente por aqueles que têm aversão à educação física e que só fazem ginástica pelo rádio, receosos de se apresentarem em público, graças às deficiências orgânicas com que a natureza os brindou.

O Senhor Fuzeira qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá gripar as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em desacordo com o seu modo de pensar sobre as futuras mães...

O Senhor Fuzeira fica convidado a assistir ao primeiro encontro de futebol feminino e apontar, publicamente, quais as desvantagens de sua prática nos moldes em que vem sendo empregado entre as jovens brasileiras. Antes disso, o Senhor Fuzeira deve preocupar-se com os guris que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. Nesse caso o missivista prestaria um grande serviço e não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo frágil. (Jornal dos Sports, 10 de maio de 1940)

O que mais chama atenção nessa entrevista além do conhecimento técnico e o sarcasmo utilizado por Margarida, é exatamente o espaço que foi conferido a ela e as vozes femininas que foram representadas pela sua ousadia e coragem. Os periódicos da época pouco se falava de mulheres fora do quadrado lar tão pouco abria espaços para inseri-las em contextos esportivos, o próprio periódico Jornal dos Sports exemplificava isso em uma de suas colunas intitulada “Notas femininas” que direcionava-se a trazer “dicas para o papel que a mulher invariavelmente deveria exercer na sociedade: a função de dona de casa, cuidadora do lar, do marido e dos filhos. Zeladora dos bons costumes” (COUTO,2016), também havia dicas de como portar-se em público, cuidados com a beleza, regras de etiqueta e padrões a serem seguidos.

Foi esse mesmo periódico que antes dava dicas de como deixar uma casa limpa e panelas brilhosas, que trouxe em suas linhas informativas o grito de Margarida ecoando principalmente nos ouvidos masculinos, sua voz além de significativa simbolizava também toda a resistência da mulher em fazer parte de um ambiente até então dominado por homens, vale lembrar que estamos falando do século XX onde vozes femininas são severamente reprimidas e silenciadas pela dominação masculina, contudo já é possível notar os primeiros passos de autonomia da mulher e desafiar papéis sociais é um deles.

Nesse sentido já é evidente que presença feminina já faz um barulho significativo no ambiente esportivo, que só aguça ainda mais o descontentamento da hegemonia masculina, fazendo com que mais argumentos fossem atribuídos, como bem, a masculinização dos corpos femininos implica dizer que a feminilidade da mulher estaria seriamente ameaçada pela prática “violenta” que se caracterizava o futebol, sendo assim além de barreiras biológicas é criado também esteriótipos. Partindo dessa óptica é possível vislumbrar com mais clareza na declaração dada por Iguesil Marinho onde segundo ele:



O Imparcial, Rio de Janeiro, 15 Jan. 1941, p.14

Na ocasião Iguesil Marinho logo adiantou que era totalmente contra a prática do futebol pelo “sexo frágil” afirmando que não se tratava apenas de uma questão de bom senso, mas sim de uma lógica natural de papéis e por fim os padrões estéticos que em momento algum poderia ser afetados. As mulheres foram lançados discursos normativos, religiosos, científicos todos estes na tentativa de afasta-las do campo.

Estas justificativas ganharam legitimidade com a materialização do decreto/lei 3.199 de 14 de abril de 1941, de acordo com o artigo.54 “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções as entidades desportivas do país”². Observa-se que o referido decreto não especifica quais esportes são proibido, contudo subentende-se que o futebol feminino seja um deles, pelo fato de já haver movimentos contrário a ele.

Segundo Castellani Filho (1988) tal medida tornava-se problemática porque priorizava uma divisão de atividades esportivas distintas a homens e mulheres, tal medida justificava-se pela necessidade de atender a fisiologia feminina e assim contribuir com atividades que fossem adequadas com a sua natureza, a fim de prepará-las para a maternidade, uma justificativa que só acentuava o pensamento dominante acerca do papel da mulher dentro do espaço social. Nesse sentido a legislação desportiva contribuiu diretamente para que tal pensamento se prolongasse ao longo dos anos, com regras mais rígidas para coibir e restringir a mulher, foi durante o período que o país passava por uma Ditadura Cívil-Militar (1964-1985) que por meio do Conselho

² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199. Acesso: 23/07/2019, às 11h30min

Nacional de Desportos (CND) foram dadas as seguintes instruções acerca da prática de mulheres nas atividades esportivas:

Deliberação – CND --Nº. 7/65.

Nº1– As mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade é condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na seguinte deliberação.

Nº– Não será permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rugby, halterofilismo e baseball. (CASTELLANI FILHO, 1988, p.48)

Embora fosse proibida por lei a prática de futebol por mulheres, não quer dizer que elas pararão de jogar “não deixavam de aparecer, de vez em quando jogos entre mulheres [...] não era tão simples quanto desejam os detentores do poder banir uma atividade esportiva de um país” (SILVA, 2015). Essa ação delas em burlar a lei era vista por muitos como um ato de rebeldia ao sistema, principalmente em um período onde qualquer ação contrária ao governo era seriamente reprimida. Para Goellner (2005) fica evidente que:

Certamente algumas dessas mulheres transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles. (GOELLNER,2005,p.149)

Silva (2015) salienta que mesmo apesar dos entraves legais impostos a mulher futebolista, a FIFA já dava indícios que era favorável e reconhecia o futebol feminino, é válido lembrar que em outros países o futebol feminino já caminhava a passos largos, enquanto que aqui os jogos eram feitos na clandestinidade, esses fatores juntamente com as intervenções internacionais foram fundamentais para que no, dia 21 de dezembro de 1979 fosse finalmente revogada a deliberação número 07/65, que proibia o futebol feminino e outras modalidades, tidas como perigosas a integridade da mulher.

Deliberação número 10/79.

01–As mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

02–A permissão a que se refere o item I, desta liberação, só é aplicável quando a entidade internacional realizar a prática do desporto pelas mulheres, em seus campeonatos ou torneios oficiais.

03–As entidades máximas dirigentes dos desportos no país poderão estabelecer condições especiais para a prática de desportos pelas mulheres, tendo em vista a idade ou o número incipiente de praticantes em determinada modalidade, observadas porém as regras desportivas das entidades internacionais.

04–No caso de desporto, que ainda, não seja praticado no Brasil ou que não seja dirigido por entidade internacional, a entidade dirigente no Brasil deverá solicitar ao CND a devida autorização, para que possa ser praticado pelas mulheres.

05–A participação de mulheres e homens em provas ou competições mistas, só será permitida nas condições também permitidas pelas entidades dirigentes internacionais, nos campeonatos ou torneios oficiais.

06–A presente Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a deliberação número 07/65. (SILVA,2015,p.79)

Mesmo após a revogação de 79, o futebol feminino continuava no mesmo, ele apenas deixava de ser proibido. Foi somente na década de 80 que o futebol feminino foi regulamentado.

No dia 25 de março de 1983, conforme a deliberação do Conselho Nacional de Desportos nº 01/83 é oficializado a prática do futebol feminino no Brasil, no uso das atribuições que lhes foram conferidas pela lei nº 6.251, de 08 de outubro de 1975 e pelo Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977, considerando o inequívoco interesse das mulheres, no Brasil, em praticar o futebol de campo; considerando que no exterior, principalmente na Europa, na área da jurisdição da UEFA, já existia regulamento próprio para a prática de futebol feminino. Dessa forma foram criadas normas básicas que deverão reger a prática do futebol no país pelas mulheres. (Magalhães, 2008, p.13)

Segundo Magalhães (2008) apesar do futebol feminino torna-se regulamento, ainda sim não era profissionalizado, um entrave vivenciado até os dias de hoje.

A definição para todo esse percurso se resume na residência que as mulheres foram adquirindo ao longo dos anos. Independente dos discursos hegemônicos, da lei que as proibiam de jogar futebol, elas foram paulatinamente driblando todos os impasses.

CAPÍTULO II

2-AS MULHERES FUTEBOLISTAS NO CAMPO DESPORTIVO PARAENSE: UM CAMINHO DE LUTAS E AFIRMAÇÕES

2.1- Entrando em campo: Conhecendo o time

A Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) é uma instituição de ensino superior privada, fica localizada na cidade de Ananindeua-Pa região metropolitana de Belém. O diferencial dessa instituição é o trabalho que a mesma vem desenvolvendo com o futebol feminino. Participando de oito edições do campeonato paraense feminino, consagrando-se campeã nas edições dos anos de 2012, 2016, 2017 e 2018.

ESAMAC é atual campeã do paraense feminino, além disso, a instituição possui categorias de bases sub-15 e sub-17 tornando-se referência no estado do Pará. É oferecido para as jogadoras bolsas de estudo como forma de incentivo, uma vez que o time feminino ainda não é profissional, portanto não recebe salário.

O título de campeã do paraense feminino de 2018 possibilitou uma vaga na segunda divisão do campeonato A2 de 2019.

2.2- Mulheres em campo: das dificuldades à resistência das chuteiras

A invisibilidade e falta de investimentos são também fatores que caminham lado a lado com os times femininos, para Magalhães (2008) enquanto não houver patrocínio e interesse tanto da parte do governo como de empresários o futebol feminino continuará agonizando comprometendo aos poucos “a continuidade de gerações de atletas” (MAGALHÃES, 2008). E isso é uma realidade de muitos times femininos, que justamente por falta de investimento e apoio financeiro vão saindo de “cena”, ou seja vão sendo extintos aos poucos, e os poucos times que ficam tentam se manter por meio da vontade de jogadoras que alimentam esperança que um dia a modalidade ganhará visibilidade.

Nesse sentido falar sobre futebol feminino é contar uma história de luta e resistência de mulheres que quebraram todas as barreiras inclusive as sociais, mostrando que mesmo apesar das dificuldades do dia-a-dia, elas existem e resistem, e estão aos poucos construindo suas próprias histórias, esse é o retrato do futebol feminino que se mantém de pé em meio aos desafios da profissionalização, onde times femininos vão de maneira consciente resistindo a todos os ataques que conseqüentemente não é do time adversário, mas sim dos órgãos competentes, mídia e sociedade em geral que silenciam sua presença nos campos. É partindo desse silenciamento que conheceremos a partir de agora vozes de mulheres que fizeram do futebol não apenas um esporte jogado nas quatro linhas, mas sim uma ferramenta de luta e resistência conforme afirma uma das entrevistadas, jogadora (J1)³ que joga atualmente no ESMAC, time feminino que será o foco dessa pesquisa. Ela exemplifica como o futebol é visto para os que só olham de fora. Segundo a jogadora (J1):

[...] Sabe muitos vê o futebol feminino apenas como uma diversão de mulheres que não tem nada pra fazer em casa, o que eles não sabem mesmo é o que a gente passa aqui pra jogar esse futebol de “diversão”, preconceito, apelidos, lesão, dividir trabalho e treinamento, é muita coisa sabe, olha tu tá vendo essa chuteira aqui ela tá comigo há mais ou menos uns cinco anos, é exatamente assim que eu vejo o futebol feminino igual essa chuteira resistente.(J1)

É bem interessante essa analogia que jogadora faz do futebol com a sua chuteira, porque a chuteira em síntese simboliza uma ferramenta de trabalho do futebol que vai se desgastando ao longo do jogo, mas se ela for forte o suficiente continuará resistente em meio aos chutes e pontapé dos jogos, da mesma forma acontece com o futebol feminino que vai reagindo aos entraves que cercam a profissão.

Pude constatar isso na observação que fiz ao longo da pesquisa acompanhando alguns treinos da ESMAC que na ocasião estava nos preparativos para disputar o Brasileirão da série A2⁴. Um dos grandes desafios do time era exatamente o deslocamento quase que diário da equipe para realização dos treinamentos, uma vez que o time ainda não possui uma estrutura (física) para efetivar os treinamentos, isso gera problemas que interfere diretamente na vida delas fora dos gramados e

³ Optei por usar esse sistema para identificar minhas entrevistadas.

⁴ Segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

automaticamente compromete o bom rendimento delas como jogadoras, conforme diz o relato das entrevistadas:

Às vezes gente tem que se deslocar pra lugares longes de Ananindeua até que quando é no Sesi da Mário Covas não é tão longe, mas tem lugar que meu Deus é muito longe [...] Isso é bem ruim pra nós que ainda tem que estudar e as vezes não dá tempo de chegar cedo, então é muito amor pelo futebol mesmo, fora o fato que infelizmente não dá pra viver de futebol aqui, em outros estados já é uma realidade.(J3)

[...] Associar a vida entre treinamentos, trabalho e estudos é bem difícil sabe! Porque a gente não vive somente pra jogar, quem dera fosse a gente tem que se manter, tem que estudar [...] É um sonho e muito amor, mas se a gente for pensar bem aqui pro Norte infelizmente hoje em dia ainda não dá pra se viver aqui. (J4)

Recorro a Silva (2015) para dizer que essa ideia de jogar por “amor” no futebol como diz as jogadoras (J3) e (J4) é uma característica muito presente como atribuído para identificar a mulher que joga o futebol, não mais que isso apenas amor o que impossibilita vê “como futuras craques de bola profissionais” (SILVA,2015). Sob essa visão é notório que enquanto o futebol feminino estiver enquadrado nessa perspectiva de amor ele jamais será visto como um esporte profissional capaz de gerar rendimento da mesma forma como acontece no masculino.

Outra questão que merece se pontuada, é a rotina das jogadoras que precisam conciliar a vida de treinos com trabalho, estudo e vida pessoal, justamente porque o futebol aqui ainda não consegue arcar com as despesas necessárias, apenas oferece uma ajuda de custo para transporte e outras coisas básicas que não é suficiente para quem sonha em viver do futebol, muitas tem que trabalhar para se manter como é o caso da jogadora (J3) que é “ professora em duas escolas da rede Madre Celeste”. Isso é uma realidade muito frequente nos time femininos, em visita a Tuna Luso Brasileira que também seria um dos times escolhido para realização dessa pesquisa, mas que infelizmente não teve como por forças maiores, na realidade lá não havia um time fixo feminino, uma vez que o clube só recruta as meninas na época do paraense feminino⁵, inclusive no ano de 2018 o time desistiu no meio do campeonato alegando não ter condições para continuar na competição, conforme nota enviada para a Federação Paraense de Futebol (FPF)⁶, nota está que não consegui ter acesso para obter mais

⁵ Campeonato Paraense de Futebol da Categoria Feminino

⁶ Órgão responsável pelas demandas esportivas do Estado do Pará

detalhes dos motivos da desistência, apenas vi o enunciado no site da Federação. No entanto uma observação se faz necessária como que um time que ocupa uma posição significativa no Ranking Nacional de Clubes de Futebol Feminino (RNT/FF), conforme o dado divulgado em 2018 desistiu na metade do campeonato?

Mas, como já estava lá no clube não poderia deixar passar a oportunidade de fazer alguns questionamentos, lembrei-me então da definição de Bloch (2001) na qual diz que “o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a caça” (BLOCH, 2001) de fato estava, em conversa com um dos colaboradores do time, mais especificamente o treinador, ele relatou as dificuldades de manter um time feminino, apesar de não ser o lugar de fala dele, resolvi trazer aqui suas colocações, por entender que foram pertinentes e esclarecedoras para o prosseguimento dessa pesquisa. De acordo com ele:

O custo, comissão técnica, material de treino [...] A gente precisa ter uma comissão com num mínimo cinco ou seis profissionais e isso é um custo grande a gente manter esses profissionais, material é cota de jogo, principalmente dia de jogo a gente precisa pagar 300 à 350 reais por partida o árbitro[...] É a gente precisa da transporte pra essa meninas, toda semana a gente treina de duas a três vezes por semana e a gente precisa da o vale transporte delas, umas mesmo trabalhando é o mínimo que a gente pode fazer por elas é dá o vale uma ajuda, e as que ficam né jogam porque gostam do clube. Outra dificuldade é manter uma equipe desse ano pro outro ano consecutivo porque a maioria vai embora pro interior jogar porque lá mesmo ganhando 50 reais por jogo mais já é alguma coisa pra elas e aqui não tem futuro nem um a não ser é quem é campeão no caso ESMAC e Pinheirense né que são as atuais campeões que vão pro brasileiro, mas também sem muito apoio de governo, de federação vão porque tem uma cota que é dada da CBF⁷ pra ajuda de custo e com essa ajuda de custo é feito o futebol [...] Não tem condição de viver só de futebol umas trabalham o dia todo, só tem condição de vim treinar no sábado ou só de ir pro jogo mesmo, a gente não tem como obrigar já que a gente não tem como pagar um salário pra elas e até o contrato delas aqui pra disputar um paraense é contratado amador ainda não é profissional. Então muitas não tem tempo, gostam queriam ter, mas infelizmente a necessidade de ajudar a família delas é muito, então elas optam em trabalhar mesmo ter outra atividade pra viver. Foi isso que aconteceu esse ano no campeonato a equipe não estava preparada, o clube não tinha dinheiro pra pagar as despesas necessárias então em conjunto achamos melhor desistir do paraense. (Jefferson Oliveira, 2019)

Nota-se na fala do treinador, uma série de questões, sobre tudo os problemas, dos quais quero destacar três, estrutura, amadorismo e salário, resumidamente esse é o tripé do time feminino da Tuna. A falta de estrutura, no caso da Tuna Luso não me

⁷ Confederação Brasileira de Futebol

refiro a estrutura física⁸, mas sim a estrutura financeira, de um time que tenha o mínimo necessário para manutenção do mesmo, material de treino, uniformes, preparador de goleiras enfim são coisas básicas, mas nesse caso tudo é incerto, inclusive a manutenção das próprias jogadoras. Outra questão que chama atenção é a modalidade ainda na categoria de amadora, em outras palavras é basicamente dizer que os times femininos não tem o potencial necessário para encaixa-se na categoria de profissional. Ressaltando que a intenção aqui não é em hipótese alguma desmerecer o futebol amador, o que precisava ser pontuado aqui é essa distância existente entre amadorismo e profissionalismo, onde o foco principal é o futebol feminino, que por motivos óbvios não avança para o profissional, o futebol amador não desperta os mesmos interesses que o futebol profissional apresenta, começando pela presença de contrato entre o jogador e o clube, direitos trabalhistas e outras regalias, trazendo benefícios para ambos, inclusive financeiro, que não é o caso do futebol feminino, que para manter-se é necessário que as próprias jogadoras por meio de seus “sonhos” continuem no jogo. De acordo com Silva (2015) isso tem uma explicação, segundo ela:

O futebol profissional masculino tinha uma grande penetração social no sentido de produzir referências, questões e debates. As mulheres não poderiam ocupar esse lugar. Era poderoso demais para que homens cedessem ou compartilhassem com elas. O futebol amor, não. Ele era, por definição, marginalizado, assim como, em geral, as mulheres na sociedade. Por tanto, ali a prática do futebol por elas não era vista como uma contraversão da norma social. (SILVA, 2015, p.76)

As condições do futebol feminino descrita pelo treinador, perpassa muito pela forma como ele é visto, a ausência de recursos principalmente financeiro, inviabiliza o desenvolvimento da modalidade, o que não quer dizer que seja apenas isso, as raízes dessa questão são bem mais profundas. No entanto, o dinheiro resolveria, em parte, principalmente pagando salários às jogadoras, valorizando assim o talento que elas têm com os pés.

Referente a questão salarial, não há dúvidas que uma das atividades mais lucrativas no país é o futebol masculino, gerando milhões com transações milionária de jogadores, mídia e propagandas. O futebol hoje tornou-se um produto meramente comercial e a lógica para justificar esse cenário é justamente o fato de que o futebol feminino enquanto produto comercial não é rentável, logo há pouco dinheiro para se

⁸ Apresenta uma estrutura completa, com quadras, piscina, gramado sintético, campo com arquibancada e área de lazer.

investir no futebol feminino, isso é perceptível de todas as formas, a discrepância salarial entre homens e mulheres é gritante, questionadas sobre isso, elas avaliam que:

[...] Tem muita coisa que precisa mudar [...] A questão de salários é uma delas, tem meninas que vão em busca de seus sonhos e são totalmente desvalorizadas em questão de salários tem meninas que recebe o que? 500,00 reais, 800, 1000, é acho que a que recebe sei lá tô dando um exemplo né que eu não sei assim de cabeça [...] Num time grande o que uns 7000,00 mil um exemplo e ainda é pouco perto de bilhões, milhões que os homens recebem, eles não tem o dom? A gente também tem não é porque eles são homens e a gente é mulher essa visão precisa mudar. (J2)

É muito triste vê como nós mulheres somos desvalorizadas no futebol, jogamos o mesmo esporte sabe! Eu sei da drible, caneta, tenho disciplina, do assistência e olha ainda faço gol também, mas só os homens ganham por isso, é muito revoltante isso. Até os meninos da base ganham mais que nós [...] Mas não é por isso que nós vamos parar de jogar, já tá no sangue. (J4)

Eu vejo na tv os salários altíssimos que os jogadores recebem, o salário de um daria pra pagar o que um time inteiro feminino, até quando o futebol feminino vai ser visto assim? Será que o motivo é só porque somos mulheres? Cara já tá na hora de olhar pra nos, a gente também sabe jogar. (J5)

Nas falas acima, é perceptível a insatisfação das jogadoras que mesmo apresentando as mesmas técnicas e habilidades que o futebol masculino tem, ainda sim não é o suficiente para ganhar o mesmo salário, simplesmente por serem mulheres, isso é uma característica muito presente não só futebol, mas em todo o mercado de trabalho onde mulheres ainda ganham menos que os homens, essas disparidades, inclusive salariais só intensificam ainda mais as diferenças entre gêneros. O futebol treina corpos, mas somente o masculino é valorizado e visualizado, de acordo com Castro (2018) isso acontece não por falta de interesse das mulheres pelo futebol, mas sim porque “o cenário futebolístico nunca fomentou políticas de inclusão delas na modalidade” (CASTRO e MÁXIMO, 2018).

Em relação a essas políticas de integração, os órgãos responsáveis pelas demandas esportivas contribuem diretamente com essa não evolução do futebol feminino, ainda dando prosseguimento a entrevista do treinador, o mesmo avalia que é necessário que a FPF dê mais atenção para o futebol feminino criando mais competições e apoiando, pois segundo ele:

O calendário pra gente é muito curto só tem o paraense, não se tem um torneio antes nem depois pra gente manter poder manter o elenco, a federação só dispõe de um campeonato. Eu creio que a federação poderia ajudar muito mais os clubes, mas ela deixa muito a desejar é com cotas, valores imensos, taxas que são pagas pra se inscrever, pra transferir, pra gente trazer uma menina de fora a gente precisa pagar uma taxa absurda de

transferência e a gente não tem [...] Então fica muito difícil a federação fazer um campeonato e não dá um apoio também para os clubes, eu creio que poderia ajudar mais e não ajuda nem um pouco ao contrário ainda os valores vão cada vez aumentando de cota de jogo, de inscrição e isso vai dificultando cada vez mais no entanto o futebol feminino no Para foi esse fiasco que foi o campeonato do ano passado.(Jefferson Oliveira, 2019)

Sobre a atuação da FPF, é notório que enquanto órgão responsável não viabiliza métodos para ampliar o futebol feminino, a única competição realizada no estado que é o paraense feminino, é desproporcional com o paraense masculino, ambos são realizados pela FPF, no entanto não é dado o mesmo tratamento, como em questões financeiras (premiação), apoio, estrutura de jogos e divulgação. O próprio regulamento da competição dificulta a situação dos times femininos, muitos não tem condições de arcar com as despesas do jogo, deslocamento para outros municípios, arbitragem, tudo isso gera um custo. No regulamento diz o seguinte:

Art.10- Nos jogos realizados em estádios localizados na região Metropolitana de Belém em municípios com distância superior a 50 km, o clube mandante será responsável pelo pagamento do transporte para o deslocamento, e de uma refeição para cada membro da equipe de arbitragem e delegado do jogo designados pela DCO/FPF.

Art.18- Cada clube deverá antes da partida apresentar ao delegado do jogo 02(duas) bolas da marca Penalty em perfeitas condições de uso, sob pena da partida não ser realizada quando uma ou ambas não apresentarem as bolas, em não ocorrendo o cumprimento deste artigo, o clube responsável poderá ser, através de comunicação da FPF desligado da competição.⁹

Fazendo uma análise desses artigos, aparentemente são exigências pequenas como alimentação, transporte, bola de marca específica, porém não para os times femininos que ainda estão se reestruturando, diferentemente dos times masculinos que já tem uma base sólida.

Nesse sentido, não basta apenas fazer um campeonato para os times femininos, tem que primeiramente da suporte para que ele aconteça, começando pela reformulação do próprio campeonato, para que times como a Tuna Luso e outros não venham a desistir pela metade do caminho, para que o próprio campeonato não venha ser um “fiasco” como salientou o treinador Jefferson Oliveira. São por essas e outras questões que o futebol feminino ainda não conseguiu se desenvolver totalmente nos gramados, e

⁹ Campeonato Paraense de Futebol. Regulamento: Federação Paraense de Futebol. Belém, 2018.

ainda sim apesar das inúmeras dificuldades que a modalidade apresenta, muitas conseguem extrair do futebol pontos positivos, conforme explica a jogadora:

Sabe! Não é só futebol, a gente entra levando muitas emoções também, a gente carrega o nome da nossa família da nossa cidade que tem meninas do interior aqui no clube meninas de vários cantos de vários municípios, então a gente pensa muito assim eu pelo menos eu quando entro em campo eu penso em levar sempre o melhor da sempre o meu melhor pra ser reconhecida e ser um orgulho primeiro pra minha família e depois pro meu município.(J2)

São essas “bagagens” emocionais e os desafios diários que servem de estímulo para elas continuarem, embora haja às dificuldades de todas as espécies sejam elas, estruturais, econômicas e sociais, ainda sim muitas vê no futebol a possibilidade de ares maiores como “quem sabe um dia jogar pra fora[...] É possivelmente em uma seleção” (J3). Em relação a isso, é válido ressaltar que o problema não está no futebol, mas sim na sociedade que ainda vê a mulher sobe enquadramentos e padrões.

Questionadas sobre suas habilidades em campo, todas foram unânimes ao dizer que “não basta apenas saber jogar, nós mulheres sempre temos que tá fazendo algo a mais para demonstrar que somos capazes, é preciso ser muito mulher pra continuar jogando” (J1), é por esse motivo que muitas fizeram do campo de futebol um lugar resistência.

Se hoje o futebol feminino sobrevive, é porque sempre teve uma ou outra mulher que lutou para que outras mulheres pudessem jogar, torcer e manifestar-se dentro de campo.

2.3- “Antes de fazer gol, tem que driblar”: preconceito, representações e silêncio da imprensa

[...] Antes de fazer gol, a gente tem que aprender a driblar muita coisa, o machismo da sociedade, a falta de reconhecimento por mais boa que tu seja no futebol nunca é suficiente, e o preconceito então, isso é muito grande ainda, a gente que joga futebol tem que lidar com ele diariamente [...] É mulher macho, é tanta coisa que a gente ouve por aí. (J1)

De acordo com Santana e Badiali (2017) a entrada das mulheres nos gramados, seja pra jogar ou não, sempre foi muito difícil e continua sendo, pois demarcar o seu

lugar nesse espaço, seria necessário primeiramente “desvencilhar a ideia de que a modalidade era de propriedade masculina” (SANTANA E BADIALI, 2017,p.5). Para, além das dificuldades mencionadas no tópico anterior, existem também outros fatores que vão além dos aspectos estruturais, e automaticamente são bem mais difíceis de quebrar, o preconceito é um deles, a sociedade de modo geral, ainda tem o pensamento muito arcaico em relação a mulher que pratica futebol, e com isso tende a produzir mais preconceito, conforme relatou a jogadora(J1) que lida diariamente com ele. A jogadora (J4) avalia que:

O preconceito já tá na cabeça das pessoas, por antigamente ser um esporte praticado muito pelos homens acho que as pessoas já tem aquilo na cabeça, então é mais o modo de vê, as vezes o preconceito tá em questão de as vezes a gente jogar com meninos e muitas meninas jogarem melhor que os meninos ah! É machinho não sei o que, e assim começa, mais não! É só um futebol é um dom que Deus deu pra pessoa. Acho que o preconceito é tipo assim são visões passadas tem gente vivendo muito no passado, em questões de futebol só ser pra homens. Futebol é pra quem quiser jogar e pronto. (J4)

A fala da jogadora (J4) traz um desabafo e ao mesmo tempo retrata como as mulheres que jogam futebol são vistas, geralmente taxadas como “machinho”, “mulher-macho”, “Maria João” e outros termos que vão se naturalizando nesse campo, isso faz com que tal visão seja mais acentuada que a própria técnica desempenhada por elas. Nesse sentido, o preconceito existente nesse meio ainda é muito grande, onde na concepção dominante o futebol masculiniza a mulher, isso faz com que a mulher não seja notada como um futuro potencial do futebol. Isso não acontece somente com as mulheres que jogam futebol, mas com todas que desafiam a velha expressão naturalizada de que “futebol não é coisa de mulher”, em entrevista cedida ao jornal Diário do Pará, Aline Costa referência no futebol feminino, atual técnica do time feminino Paysandu Sport Clube, revelou que apesar de ocupar um cargo de liderança dentro do time, ela também já sofreu com preconceitos oriundos “Principalmente pela parte da torcida. Por ser mulher, não acreditavam no meu potencial, mas com o passar dos anos venho mostrando que futebol é coisa de mulher sim e, principalmente, como treinadora, já mostramos que somos capazes de exercer esta função”. (Aline Costa, 2017).

Os discursos hegemônicos dentro de campo e fora dele tende a produzir uma imagem distorcida da mulher, com isso são representadas de forma negativa “as representações polarizadas de gênero sempre encontram no esporte um vasto campo

para se manifestarem”(KNIJNIK e SOUZA, 2004,p.3). É difícil para a hegemonia masculina que vê no futebol um esporte para demonstrar suas performances e virilidade, entender que as mulheres também dominam a bela arte com os pés e entendem tão quanto eles de futebol, talvez essa presença feminina de alguma forma apresente uma “ameaça porque chama pra si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos” (GOELLNER,2005,p.89).

Nesse sentido o preconceito contra a mulher dentro desse universo futebolístico é reflexo de toda uma cultura machista que foi ganhando mais força com a entrada e permanência delas em campo, tal olhar não deixa de ser também aquilo que Bourdieu (1997) classificou como sendo uma violência simbólica, onde segundo ele é “Uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são conscientes de exerce-la ou sofre-la”(BOURDIEU,1997,p.22).

Essa violência é a prerrogativa que muitos se utilizam para tentar desqualificar a presença feminina em campo. Além do preconceito é comum vê a imagem da mulher associada ao homossexualismo, com a justificativa de que “se a mulher gosta de futebol ela é taxada 'sapatão' ou então quer chamar atenção” (J2), a fala da jogadora reflete como a imagem da mulher é visualizada e conseqüentemente disseminada pelos espaços, uma vez que o futebol sempre foi conhecido como um esporte de reserva masculina, logo a mulher que manifesta interesse ou gosto, assemelha-se a um homem, isso na visão hegemônica que foi sendo construída ao longo do tempo, e não só isso há também a questão da sexualidade do corpo feminino como vitrine de exposição. São essas dicotomias do futebol que mais aparecem quando se fala de mulher e futebol ora a mulher aparece masculinizada ora feminina, a medida que a mulher vai adentrando nesse ambiente ela vai ganhando representações:

(...) A representação só adquire sentido por sua inserção numa cadeia diferencial de significantes. Ela é representação de alguma “coisa” não por sua identidade, coincidência ou correspondência com essa “coisa”, mas por representá-la (por meio de um significante) como diferente de outras “coisas”. (SILVA, 2003 apud BANDEIRA e SFFNER,2018,p.289)

Essas representações criada da mulher dentro de campo, no caso o próprio preconceito somado aos modelos estereotipados de sua imagem, vão ganhando uma legitimidade dentro das quatro linhas, fazendo com que ela não seja notada e percebida

como tal. Isso faz com que a mulher enquanto atleta futebolista não apareça, suas performances dentro de campo são ofuscadas pela constante presença da mulher “masculinizada” ou então “cheia de feminilidade” acompanhada de padrões estéticos de embelezamento. Na última copa feminina do mundo realizada na França, Marta viera, a camisa da 10 da seleção brasileira protagonizou um feito histórico no futebol, tornando-se a maior artilheira em copa do mundo com 17 gols, ultrapassando o Alemão Miroslav Klose, além de ser um grande recorde para o futebol feminino, Marta representou a mulher que constantemente precisa está quebrando recordes para ser reconhecida e visualizada dentro de campo, contudo o assunto que mais ganhou repercussão na mídia foi o batom que ela estava usando.

No jogo contra a Itália desta noite, Marta ultrapassou Klose e se tornou a maior artilheira da história das copas com 17 gols no currículo. O feito, por si só já seria emocionante. Acontece que, além de ser mulher e agora recordista mundial, Marta estava bem maquiada em campo. Assim, a arquibancada e as redes sociais vibraram sem limites nas últimas horas. Muita gente achou interessante ver a nossa artilheira usando batom durante o jogo¹⁰

Nota-se, que o texto enfatiza que ela “estava bem maquiada”, reforçando a ideia de um padrão estético de embelezamento, logo a façanha do recorde por ela alcançado passa quase que despercebido pelo público consumidor, isso não é um caso isolado só da Marta, muitas outras jogadoras tornaram-se destaque na imprensa pela beleza ou pelo corpo. O fato é que essa maquiagem feita da mulher dentro do futebol, é uma das tentativas de afastamento da mulher futebolista, onde é priorizado somente seus atributos físicos e comportamentais, banalizado assim suas lutas de reconhecimento e pertencimento nesse meio permeado de ambiguidades que é o futebol. Conforme avaliam Knijnik e Souza onde diz que:

Com o advento das mídias globais, e a penetração do esporte no interior destas, como um dos seus principais atrativos de audiência, estas representações sociais sobre o gênero ganharam novas dimensões. Aliás, a mídia, dada a sua capacidade de filtrar os eventos e de atirar imagens sobre as pessoas, se transformou, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, na grande chave utilizada pela sociedade para desvendar o mundo. Estes filtros estabelecidos por meio da mídia repercutem os discursos dominantes sobre as coisas do mundo e dentre estes discursos, se destacam aqueles que ditam como ser homem ou ser mulher no mundo atual, fornecendo ou retirando valor das novas confirmações de gênero que aparecem continuamente na contemporaneidade. (KNIJNIK e SOUZA, 2004, p.4)

¹⁰ Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/18/marta-se-tornou-a-maior-das-copas-usando-batom-internet-foi-a-delirio.htm> acesso: 20/06/2019, às 15:00

Essa padronização de comportamentos dada a homens e mulheres é fruto dessa diferenciação entre gêneros e dentro do futebol essa diferenciação torna-se mais acentuada, Knijnik e Souza (2004) trazem em seu trabalho a crônica da “mulher barbada”, onde precisa submeter-se a um teste de comprovação de gênero, pois a imprensa e a opinião pública não acreditavam que aquela moça destaque na liga nacional, por sua habilidade, força e técnica, fora dos padrões convencionais fosse de fato uma mulher, até mesmo pela própria imagem “reforçada pela mídia, que aproveitava o caso ao máximo, traçando um quadro de suspeitas relativas ao sexo da atleta, [...] e o país inteiro comentava e se perguntava, invertendo a famosa marchinha de carnaval: será que ela é?”(KNIJNIK e SOUZA,2004,p.2). Então o resultado saiu:

Imediatamente, as manchetes on line destacaram: “parece, mas não é!”; finalmente, ela já estava livre das perguntas e pressões cotidianas dos repórteres, e dos boatos jornalísticos que surgiam todos os dias; podia representar com tranquilidade a seleção feminina de seu país. E seu alívio mostrou-se maior ainda no dia seguinte, quando voltou a vestir o calção largo para treinar e cortou o cabelo bem curto. (KNIJNIK e SOUZA, 2004, p.2)

Ao trazer essa pequena “historieta” os autores Knijnik e Souza (2004) demonstram como a imprensa assume um papel fundamental nessa construção de identidades, justamente pelo poder que ela tem de atingir o público com suas respectivas representações, apesar destas representações já estarem inseridas nos espaços sociais, a imprensa ainda sim e o meio de maior acesso para se criar esses códigos de rótulos.

Sendo assim a imprensa é um meio de comunicação determinante dentro desse processo de reconhecimento da mulher, no entanto a crítica que se faz em relação e esse reconhecimento é exatamente essa não presença feminina dentro do contexto futebolístico, ou seja, a imprensa partir do princípio que o público consumidor do futebol seja apenas homens justamente por essa cultura hegemônica que foi sendo construída no decorrer do tempo, logo a mulher é reportada apenas como um “atrativo” para o entretenimento masculino, onde são narradas e interpretadas pelo olhar dominante, ou seja a interpretação que a imprensa faz é exatamente como a sociedade vê a mulher que se identifica com o futebol, sempre com olhar de estranhamento, como se aquela peça não fizessem parte daquele quebra-cabeça e não como um agente capaz de promover o seu próprio espetáculo dentro do futebol. Para Knijnik e Sousa “A cobertura televisiva, na maioria das vezes, da impressão que a performance é menos importante e menos interessante comparada com a dos homens, sendo muito comum

incluir a competição feminina como uma forma de aumentar o suspense para a masculina”(KNIJNIK e SOUSA,2004,p.22).

O tratamento que a imprensa, em especial a esportiva tem em relação ao futebol feminino é de longe o mesmo dado ao futebol masculino, por trás desse tratamento há toda uma estratégia mercadológica, onde o futebol tornou-se uma marca comercial para atrair milhões de pessoas/clientes, sem questionamentos, pois o que vale é prestigiar o seu time do coração, adquirindo produtos como camisas, ingressos enfim todo e qualquer amuleto que reafirme tal paixão, sabendo disso a mídia televisiva apropria-se dessa paixão que é o futebol para ampliar o seu número de telespectadores e com isso alavancar a sua audiência, como o futebol feminino não apresenta nem um “retorno” torna-se irrelevante.

A questão é já que o futebol proporciona todos esses benefícios pra si e consequentemente para a imprensa, porque os times femininos não tem esse mesmo percentual lucrativo? E mais porque há tanto silenciamento da imprensa especializada em relação a essas mulheres futebolistas? Bom são questionamentos que não se esgotam aqui, no entanto é perceptível por meio da imprensa compreender como ela “sem dúvida cria o seu público, ela não faz por um ato de mágica, mas catalisando de modo eficiente os temas que interessam a ele” (Guedes,1998 apud Rojo,2008,p.4) sendo assim, a imprensa contribuí de forma efetiva com esse ocultamento das ações femininas dentro da dinâmica futebolística. Questionadas sobre a participação da imprensa, a resposta foi:

Quantas vezes é falando sobre futebol feminino dentro da imprensa? Cara! A gente tá aqui jogando, mas a gente não ouve falar de nós na televisão no rádio, não é mostrado o dia-a-dia dos treinos, até quando chega o campeonato paraense não passa nada, aliás só vem aparecer alguma coisa quanto sai os dois times finalista, mas é tipo uma nota de rodapé sem muita relevância, são meses de preparação pra esse campeonato, dedicação. (J3)

Olha a gente nem conta com essa participação da imprensa, simplesmente pelo fato dela ser muito omissa com o nosso trabalho, aqui o próprio time tem uma equipe que registra toda a nossa rotina justamente em virtude dessa questão aí. Faz transmissão de jogos, diretamente na rede social do time é uma forma de mostrar o nosso trabalho.(J4)

É bem problemática essa questão porque tem tantas meninas que gostam de futebol, mas elas não se reconhece porque elas não se sente representadas. Então a imprensa precisa divulgar. (J2)

Falas como estas, permitem identificar o descontentamento dessas jogadoras ao reportar essa omissão da imprensa em divulgar e falar sobre elas, apesar do time fazer

um trabalho de divulgações nas redes sociais não substitui o da imprensa. O campeonato feminino paraense como frisou a jogadora não é falando da mesma forma como acontece com o masculino que por sinal tem um calendário maior com uma premiação muito mais atrativa, implica dizer que a visibilidade gera torcedores e torcedores geram renda, um fator está ligado ao outro, como que um time feminino vai crescer se os próprios meios de comunicação não ajudam e mais como que outras meninas/mulheres vão se reconhecer no futebol se não há uma representatividade como ressaltou a jogadora, de certa forma “a mídia tem um papel essencial nesse reconhecimento e construção de identidade entre futebol, mulher e sociedade” (SANTANA e BADIALI,2017,p.8). Portanto:

A mídia esportiva é essencial no papel de divulgação, acesso e consumo aos mais diferentes esportes. Ou seja, se a imprensa não divulga essas informações elas ficam restritas apenas a quem está ligado diretamente com a modalidade (atletas, comissão técnica, direção e etc). (CASTRO e MÁXIMO, 2018, p.3)

Nota-se como a participação da imprensa é importante nesse processo de desenvolvimento da modalidade. Contudo o que se vê por parte dela é essa invisibilidade alinhada a essa construção de modelos estereotipados da mulher futebolista.

2.4- Dentro das quatro linhas: avanços e novas perspectivas

Não há dúvida que o futebol feminino, nos últimos anos vem apresentando mudanças significativas no cenário desportivo, já é visível a presença de mulheres ocupando mais espaços seja no gramado ou fora dele, jogando, comentando, narrando, torcendo e comandando times. São processos que estão acontecendo, e como todo processo demanda um certo tempo para finalizar suas etapas, e no futebol feminino cada etapa concluída é uma conquista.

São conquistas que embora sejam pequenas em números quantitativos já representam muito para um esporte que até pouco tempo sequer as mulheres poderiam jogar uma vez que a prática já foi proibida como já foi mencionado no capítulo anterior. Apesar do progresso, a modalidade ainda não conseguiu atingir uma instabilidade, são muitos os desafios enfrentados, é um cenário que vem mudando lentamente, embora a

predominância ainda seja masculina o futebol feminino vem ganhando o seu espaço. Como bem destaca as jogadoras:

A gente tem ciência que ainda tem muita coisa que precisa ser melhorada, mas assim a gente já tá conseguindo ganhar o nosso espaço [...] Tem mulheres que falam de igual pra igual de futebol com homens isso é muito significativo. (J1)

Hoje a gente vê um número bem grande de mulheres indo nos estádios, é muito bacana vê isso, o nosso futebol tá encaminhando, isso se deve muito também as mídias sociais que falam e divulgam o nosso futebol. (J2)

Em relação a fala da jogadora (J2), é pertinente dizer que com o advento das redes sociais o futebol feminino começa a ganhar mais espaço entre os assuntos falando, mas que isso o ciberespaço tornou-se um lócus democrático de vozes femininas que encontraram nessa ferramenta um meio de discussão e inserção feminina dentro das dinâmicas do futebol, resultado disso é o número crescente de páginas e blogs direcionados a esse público feminino, a interação em tempo real permite uma amplitude maior desses debates.

Visando se adequar a esses avanços, em 2015 o PROFUT (Programa de Modernização da Gestão e Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro) fez-se por meio da Lei N° 13.155, as seguintes atribuições:

Art. 4º Para que as entidades desportivas profissionais do futebol mantenham-se no Profut, serão exigidas as seguintes condições:

X – manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino e oferta de ingresso a preços populares, mediante a utilização dos recursos provenientes.¹¹

Com essa lei é possível pensar em uma amplitude maior dos times femininos, em Belém clubes como Paysandu e Remo tiveram que formar times femininos para disputar o paraense feminino. Para a jogadora (J4) essa lei é importante porque:

Dá um incentivo a mais para os times femininos, assim como os meninos tem um sonho as meninas também tem, esporte não diz, não vai te dizer se é pra homem ou pra mulher, esporte é esporte ele não diferencia gêneros o esporte é pra todo mundo, se a pessoa gosta de fazer aquilo quem é que vai empatar se é o sonho dela. (J4)

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13155.htm acesso: 19/08/2019, às 15:30.

Em 2016, a FIFA¹² a fim de promover o futebol feminino, apresentou em seu artigo 23 como as confederações deveriam formular seus respectivos estatutos, dos quais todas as “Constitución de los órganos legislativos de acuerdo con los principios de representatividad democrática, teniendo presente la importancia de la igualdad de género em el futebol” (FIFA,2016) o regulamento discorre em outros artigos a inclusão feminina, apesar de tardia é uma forma de sanar os anos de silenciamento em torno da modalidade, foram mais de 30 anos desde que a prática foi oficializada, para que a FIFA viesse a introduzir em seu estatuto a igualdade de gênero, isso abriu caminho para que outros órgãos reformulassem seus regulamentos.

Nesse sentido, a CONMEBOL¹³ também definiu novas regras em seu regulamento onde a partir de 2019, clubes deveram ter em seu quadro permanente times femininos além de criar categoria de base, o não cumprimento acarretará em multas para o clube e mais não poderão jogar a Copa Libertadores da América e Sul-americana. O regulamento enfatiza que:

D.04– O solicitante deverá ter uma equipe principal feminina principal ou associar-se a um clube que tenha. Além disso, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que tenha. Em ambos os casos, o solicitante deverá providenciar suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinamentos) necessários para o desenvolvimento de ambas equipes em condições adequadas. Finalmente, é exigido que ambas equipes participem de competições e/ou regionais autorizadas pela respectiva Associação Membro. (CONMEBOL, 2016, p.40)

O intuito principal dessas novas regras é promover a igualdade de gênero dentro do futebol, visando atender esse quadro a CBF¹⁴, em 2019 presentou mudanças significativas no calendário do futebol feminino, anunciando três novas competições, dentre elas a criação de uma competição de base, além de ampliar o número de partidas do Brasileirão com a participação de mais times, dos quais a série A1 permanecerá com 16 times, no entanto a série A2 ganhará o dobro de participantes com o aumento de 32 times, significa dizer que um novo olhar está sendo lançado para o futebol feminino, o salto positivo é a criação do torneio de base que irá fortalecer o futebol desenvolvimento novos talentos.

¹² Federação Internacional de Futebol

¹³ Confederação Sul-americana de Futebol

¹⁴Disponível em:<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/calendario-da-base-e-futebol-feminino-2019-mais-jogos-e-competicoes>. Acesso: 20/06/2019, às 10h00min.

Nesse sentido o ano de 2019 simboliza um divisor de águas para o futebol feminino, e não é pela lei ou pelos órgãos que rege o futebol, porque tanto um quanto outro ainda há muitas lacunas, mas é pela ousadia de mulheres que lutam para demarcar o seu espaço, um exemplo claro disso foi a copa do mundo feminina, onde além de protagonizarem grandes recordes para o futebol, muitas jogadoras usaram o momento para protestar dentro de campo denunciando o descaso com o futebol feminino, Marta Vieira, Alex Morgan e Megan Rapinoe, foram algumas dos nomes responsáveis por reverberar as vozes de muitas anônimas que lutam cotidianamente para que o futebol feminino seja reconhecido. Ato como esse são importantes porque só reafirmar que as mulheres estão presentes:

A mulher tá ganhando o seu espaço e tenho certeza que daqui a uns 3 ou 4 anos o futebol feminino ele vai dá uma apontada assim bem grande acho que vai ser mais valorizado. Todo time masculino vai ter que ter time feminino e de base vai ser obrigatório se não eles vão ter que pagar multa, a partir de 2020 o futebol feminino vai dá uma ingressada bacana. (J3)

Tais avanços permite pensar que o futebol feminino está aos poucos se desenvolvendo traçando o seu próprio caminho dentro desse “monopólio de homens” que se caracteriza o futebol. Questionadas sobre como elas esperam vê o futebol feminino daqui alguns anos, as respostas foram:

Ah! De verdade eu espero que seja mais valorizado, que as pessoas possam olhar pra nós e dizer como essas meninas jogam um olhar de respeito sabe, que a mídia fale da gente do nosso futebol. (J2)

Valorizado! Que a gente possa receber pelo que faz sem ter que precisar trabalhar em outro quanto. (J4)

Sei lá, a gente espera que outras meninas possam vê no futebol uma profissão que dê pra se viver dele, que seja valorizado. (J5)

Eu espero que esteja bem melhor, com estrutura boa, investimentos, mais visibilidade que hoje infelizmente a gente sabe que a invisibilidade ainda é muito grande [...] mais representatividade, precisamos de mais Martas e é claro precisamos de valorização. (J3)

A despeito das respostas é notório que a perspectiva de todas é que a modalidade seja valorizada um desejo que aos poucos vem ganhando forma, a fala da jogadora (J3) é interessante porque remete a questão da representatividade um ponto fundamental para as meninas que estão começando e necessitam ter uma base referencial, para além da Marta que outras mulheres possam ser mencionadas.

Não se pode negar que o engajamento das mulheres futebolistas na luta pela igualdade de gênero, de melhores salários, já vem surtindo alguns efeitos, avanços já podem se visto. Aqui no campo desportivo paraense as jogadoras continuam lutando para que suas pautas de lutas sejam reconhecidas, principalmente em uma ampliação maior no calendário de jogos, na valorização da modalidade e na busca do reconhecimento como jogadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, puder constatar que as mulheres sempre estiverem presentes dentro da dinâmica futebolística, no entanto essa presença foi marcada por restrições, discursos normativos e proibições, foram inúmeras as tentativas de afastamento. Não se estranha que foram mais de 40 anos de proibição (1941-1983) de lá pra o que se observou foram os resquícios dessa proibição.

À medida que as mulheres vão legitimando o seu lugar nesse espaço, elas são constantemente confrontadas com o clássico “mais o que é impedimento?”, “quem é o presidente do teu time?”, “fala os nomes dos jogadores?” são perguntas que constantemente são feitas na tentativa de questionar se de fato o campo de futebol é um lugar de manifestações femininas. O que se vê claramente é que nem um lugar fora do espaço privado foi cedido ou pensado para elas, no futebol não foi diferente, isso explica-se pela diferença de gênero, fruto de uma construção sociocultural, que foi ganhando corpo com a jurisdição de 1941 a 1965, período que o futebol feminino foi proibido.

No decorrer dessa pesquisa foi observado que apesar dos impasses, as mulheres sempre encontram uma forma de manifestar-se diante desses silenciamentos. Nesse sentido a resistência fez e faz parte de todo o processo de inserção feminina dentro das quatro linhas, foi por meio dessa resistência que as mulheres driblaram a lei, as restrições e os discursos. Confrontaram os padrões socialmente impostos, foram aos poucos demarcando o seu lugar nesse espaço onde por tempo configurou-se de reserva masculina, para além de jogar, as mulheres fizeram do campo de futebol um lócus de lutas que foi paulatinamente ganhando faces femininas, nas arquibancadas, arbitragem, comentando e comandando times. As poucas essas mulheres vão se (re) construindo, começam a ser protagonista de suas próprias histórias.

Histórias estas que aos poucos a historiografia vem colocando em suas linhas de pesquisa, é um campo de debate novo que vem ganhando abertura no ambiente acadêmico ligado às discussões de gênero. Ao trazer essa pesquisa percebi que o percurso histórico dessas mulheres, principalmente em relação a prática futebolística foi camuflado pela dominação masculina. No entanto elas ressignificarão o campo de futebol tomando pra si como um lugar de pertencimento também. Contudo a trajetória dessas mulheres ainda é marcada por instabilidade e precarização da modalidade.

Ao trazer o relato de jogadoras nessa pesquisa, verifiquei o quão desafiador é ser jogadora de futebol em um país que se caracteriza como sendo o “país do futebol”, e quando essa realidade é mais próxima percebe-se o quanto é contrastante tal máxima. As dificuldades enfrentadas por essas jogadoras é retrato da desigualdade que foi se perpetuando ao longa da história, reflexo disso é a modalidade ainda na condição de amadora, sem remuneração pelo que fazem, muitas convivem com os marcadores de uma sociedade machista, o mais recorrente é o preconceito que acompanha essas jogadoras, paralelamente a isso tem a falta de estrutura e investimentos. São fatores que somados contribuem diretamente para que essas dificuldades se tornem mais acentuadas.

Dentro dessa lógica existe também o papel da imprensa, da qual pouco se vê mencionar sobre o futebol feminino, aliás é mencionado somente quando elas ganham determinado campeonato e ainda sim não repassado os processos que estão por trás dessa vitória, no caso, não é mencionado que para jogar as jogadoras precisam dividir o tempo entre trabalho-casa-estudo, são os desafios que elas enfrentam cotidianamente para jogar. Nesse sentido, a imprensa apresenta-se como porta-voz da invisibilidade dessas mulheres, enquanto que o futebol masculino é amplamente divulgado.

É inevitável não fazer comparações entre o futebol feminino e o masculino por uma série de questões, mas ao mesmo tempo é injusto, enquanto que o futebol masculino ia se desenvolvendo e profissionalizando com os anos, o futebol feminino permanecia num “sono profundo” sucumbido a isso quantas Martas, Marias, Formigas o futebol deixou de conhecer? Tudo porque a sociedade disse “que futebol não era coisa de mulher”.

Na contra mão dessa sentença, as mulheres vem mostrando que futebol é pra todos, o próprio futebol feminino vem se desenhando positivamente nos últimos anos, a inclusão da palavra gênero nas instituições que regem o futebol é um indicador disso, a própria lei tentando de alguma forma sanar os anos de silenciamentos produzido pela proibição, a CBF ampliando o quadro de competições da modalidade, surgem assim um novo ciclo para o futebol feminino, tudo isso é fruto da luta de mulheres que tomaram pra si mais essa bandeira de luta, por mais igualdade de gênero. Ao trazer vozes de mulheres futebolistas e um pouco do processo histórico da inserção feminina dentro das quatro linhas foi a forma mais democrática que eu encontrei de inseri-las nessas linhas.

Ciente que as discussões não cessam aqui, digo que esse trabalho é apenas uma abertura para outros.

Assim concluo essa pesquisa dizendo que diferentemente da “grã-fina das narinas de cadáver” descrita pelo grande cronista Nelson Rodrigues, as mulheres aqui narradas não só reconhecem a bola como jogam bola e entendem tão bem de futebol, que estão escrevendo sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos Estádio de Futebol. Mosaico, v.9, n.14, p.285-298, 2018.

BLOC, M. Apologia da história, ou, O ofício do historiador. Prefácio, Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2012.

BOURDIEU, P. Sobre a televisão. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, São Paulo: Papirus,1988.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra,2008.

CASTRO, Letícia de; MÁXIMO, Maria Elisa. Inviabilidade estrutural: uma análise da (não) presença do futebol no Globo. Esporte.com. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Cascavel - PR – 31/05 a 02/06/2018.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COUTO, André Alexandre Guimarães. Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no jornal dos Sports (1950-1958). Tese de Doutorado. Curitiba, 2016.

DÓRIA NETO, Rui Demóstenes Pinheiro. A história do futebol paraense através dos clubes coadjuvantes (2000-2012). Trabalho de Conclusão de Curso. UEPA, 2013.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FRANZINI, Fábio. “Futebol é coisa de macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. São Paulo, v.25, n.50, p.315-328,2005.

GAUDÊNCIO, Itamar. Diversão, Rivalidade e Política: o RE X PA nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950). Dissertação de Mestrado. Belém: IFCH /UFPA,2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e o esporte no Brasil: entre inventivos e interdições elas fazem história. Pensar a Prática, n.8, v.1, p.85-100, Jan/Jun, 2005.

GOELLNER, Silvana. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. Rev.bras.Educ.Fis. São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, 2005

JAEGER, Angelita Alice. “Gênero, Mulheres e Esporte”. Movimento, Porto Alegre, v.12, n.01, p.199-210, janeiro/abril, 2006.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In: Antônio Carlos Simões Jorge Dorfman Knijnik (org). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo, Aleph, 2004 (p.191-212).

MAGALHÃES, Sandra Letícia Ferreira. Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007). Recorde: Revista de História de Esporte, v. 1, n. 2, p. 1-39, dez. 2008.

MONTEIRO, Sinei Soares. Futebol, Ditadura e Trabalho: uma análise das relações políticas e sociais no campo desportivo paraense(1964-1978) Dissertação de Mestrado. UFPA, Belém, 2009.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, Jun,2010.

RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. Crônicas de Futebol. São Paulo: Companhia das Letras,1993.

ROJO, Luiz Fernando. “Vitória”: O gênero da mídia esportiva brasileira especializada na cobertura olímpica. Recorde: Revista de História do Esporte, v.1, n.2, dez,2008.

SANTANA, Amanda Monique Porfírio Ribeiro de; BADIALI, Michelle Ferret. A Invisibilidade do Futebol Feminino no Brasil: uma análise descritiva das publicações do Sportv e Planeta Futebol Feminino. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Fortaleza - CE – 29/06 a 01/07/2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, pp. 71-99, jul/dez,1995.

SHARPE, Jim. “A História vista de Baixo” . In BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, P. 39-62.

SILVA, Giovana Capucim. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: Entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2015.

THOMPSON, P. A Voz do Passado: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

FONTES

Legislação

Decreto-lei 3.199 de 14 abril de 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/De13199.htm>. Acesso em: 23/07/2019

Lei n. 13.155, de 4 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113155.htm>. Acesso em: 19/08/2019

Periódicos

Diário da noite(1940) Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-noite/221961>>. Acesso: 16/05/2019

Jornal dos Sports(1940) Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=112518_01&PagFis=36507>. Acesso. 20/04/ 2019

O Imparcial (1941) Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imparcial/107670>> . Acesso. 20/05/2019

Entrevista

Jefferson Andrey Atayde de Oliveira, 20 de fevereiro de 2019. Realizada por Bruna da Silva.